



UTILIZAÇÃO DA MIMOSA SCABRELLA BENTH – BRACATINGA NA RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS

Ana Carla Rosgoski Chicanoski – UNIUV¹

Manoel J. Carneiro Oleinik – UNIUV^{2*}

Raul Sopko Junior – UNIUV³

Thiago Fabiano Kampmann – UNIUV⁴

Professor Orientador: Peterson Jaeger – UNIUV⁵

Modalidade de Apresentação: Paineis

INTRODUÇÃO

A *Mimosa scabrella Benth*, popularmente chamada e conhecida como Bracatinga, é uma espécie florestal de múltiplo uso. O cultivo da Bracatinga é predominantemente realizado em pequenas e médias propriedades, com escassez de recursos técnicos e próximos aos grandes centros consumidores de lenha, por isso encontra-se em maior área na Região Sul do Brasil, por ser uma região de clima frio. A rotação do cultivo é de 6 a 8 anos. Por ser uma espécie florestal que necessita de poucos recursos técnicos e com pouco tempo de rotação de cultivo, viu-se a necessidade de desenvolver a presente pesquisa, para verificar como se dá o plantio da Bracatinga na recuperação de áreas degradadas.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Demonstrar a viabilidade técnica em utilizar a *Mimosa scabrella Benth* – Bracatinga na recuperação de áreas degradadas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar informações da literatura quanto ao tema;
- Verificar teoricamente o potencial de implantação da espécie *Mimosa scabrella Benth* no clima subtropical do Brasil;
- Estabelecer critérios para utilização da espécie na recuperação de áreas degradadas.

METODOLOGIA

Para desenvolver este artigo, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, a qual Gil (1991) descreve como sendo desenvolvida a partir de materiais já existentes, formados principalmente de livros e artigos científicos. Entende-se que a pesquisa bibliográfica é formada por conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, propiciando o saber, além disso, ela se fundamenta em vários

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Engenharia Ambiental da UniuV. E-mail: ea.ana.chicanoski@uniuv.edu.br

² Acadêmico do 10º semestre do Curso de Engenharia Ambiental da UniuV. E-mail: ea.manoel.jose@uniuv.edu.br

³ Acadêmico do 10º semestre do Curso de Engenharia Ambiental da UniuV. E-mail: ea.raul.junior@uniuv.edu.br

⁴ Acadêmico do 8º semestre do Curso de Engenharia Ambiental da UniuV. E-mail: ea.thiago.kampmann@uniuv.edu.br

⁵ Professor da UNIUV e pesquisador na área de Engenharia Ambiental. E-mail: prof.peterson@uniuv.edu.br



procedimentos metodológicos que vão desde a leitura até a organização, fichamento e resumo do texto, ela se torna a base para as demais pesquisas (FACHIN, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Angeli (2003), no Brasil, a Bracatinga ocorre naturalmente nos estados de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, em altitudes de 700 a 2000 metros. A Bracatinga é uma espécie pioneira, típica de capoeiras e capoeirões, ocorrendo mais comumente em florestas secundárias, muitas vezes em formações puras (bracatingais), após ação antrópica, o que a caracteriza como espécie agressiva. Vivem em média vinte e cinco anos, sendo, portanto, uma espécie de baixa longevidade. A Bracatinga é uma espécie florestal heliófila fixadora de nitrogênio, pois ocorre nas raízes, associações com *Rhizobium sp.* Por ser uma espécie de crescimento inicial rápido, alguns povoamentos implantados atingiram produtividade de 36 m³/hectares/ano, aos quatro anos de idade e em espaçamento 3m x 2m. Os plantios na região Sul apresentam rotação aproximada de quatro a sete anos para energia, em regeneração natural, também para fins energéticos, o ciclo de corte é de seis a oito anos, admitindo-se densidade média de 2.200 plantas por hectare, aponta (CARVALHO, 1994). Para plantios realizados fora das áreas de ocorrência natural ou em sítios onde não havia Bracatinga anteriormente, recomenda-se inocular as mudas com estirpes isoladas de *Rhizobium* (EMBRAPA, 1988), com espaçamento mínimo recomendado de 1 m x 1 m. A revegetação por mudas também é viável, tanto em terrenos preparados pelo método convencional (aragem e gradagem), como em terrenos não preparados (EMBRAPA, 1988). Normalmente, a Bracatinga desenvolve-se em solos pobres, ácidos (com PH variando entre 3,5 e 5,5), de textura franca, argilosa e bem drenada. É pouco exigente em fertilidade química, mas não se desenvolve adequadamente em solos mal drenados e com alto teor de alumínio. A Bracatinga é muito sensível às condições de drenagem dos terrenos, podendo ocupar terrenos rasos. Em solos mal drenados, apresenta crescimento reduzido e mortalidade elevada. Esta é sua principal restrição edáfica. Isto é visível tanto em condições naturais, principalmente sobre basalto, como em plantações. Todavia, há redução do crescimento. (EMBRAPA, 1988). O auge da floração acontece no inverno, o que justifica a importância desta espécie para a apicultura. A frutificação estende-se pelos meses de dezembro até março nos Estados de Santa Catarina e Paraná, afirma Cardoso (1979). Ao caírem no solo, as sementes formam bancos constantes e a viabilidade das mesmas podem persistir por 4 anos ou mais. Para a produção de mudas ou semeadura direta, a superação da dormência é feita, mais usualmente, de duas formas: imersão em água a 80°C e resfriamento até temperatura ambiente ou imersão em ácido sulfúrico concentrado por quatro minutos. Logo Fonseca (1982) constatou que a superação de dormência pode ser obtida com choque térmico em meio úmido. Essa condição ocorreria por ocasião da abertura de clareiras, ou após a passagem de fogo, o que propiciaria seu estabelecimento. A dormência pode ser superada em ambientes naturais pelo aquecimento solar, ou fogo. O poder germinativo das sementes chega a 90% e a germinação ocorre entre cinco e trinta dias após a semeadura. Após o estudo do levantamento bibliográfico feito a respeito do desenvolvimento da *Mimosa scabrella*, pode-se perceber que esta espécie florestal apresenta características ecológicas interessantes à sua utilização em recuperação de áreas degradadas, além, de ser uma excelente forrageira. Entre os três métodos de quebra de dormência supracitados, o mais indicado é o realizado por meio de imersão em água a 80°C e



resfriamento até a temperatura ambiente. O método mais utilizado é a semeadura diretamente no campo, é fácil e rápida, sendo a modalidade dominante para recuperar áreas degradadas, pelo seu baixo custo de manejo para recuperação evitando a perda da biota pelas queimadas que se faz necessário para a quebra da dormência obtida pelo choque térmico em meio úmido do banco de sementes. Um método simples que necessita de pouco entendimento técnico para utilizar a *Mimosa scabrella* na recuperação de áreas degradadas.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, A. **Mimosa Scabrella – Instituto de Pesquisa e Estudos Florestais**. Disponível em: <<http://www.ipef.br/identificacao/mimosa.scabrella.asp>>. Acesso em: 19 ago. 2016.
- CARVALHO, P. E. R. **Espécies Florestais Brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira**. Colombo: Embrapa. 1994. 640 p.
- CARPANEZZI, A.A.; CARPANEZZI, O.T.B. **Cultivo da bracatinga (Mimosa scabrella Benth) no Brasil e prioridades para seu aperfeiçoamento**. In: CONGRESSO FLORESTAL ESTADUAL, 7, 1992, Nova Prata. Anais. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1992, V. 2, p. 640-655.
- EMBRAPA. **Centro Nacional de Pesquisa de Florestas (Curitiba – PR). Manual técnico da bracatinga (Mimosa Scabrella Benth)**. Curitiba, 1988. 70 p.
- FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.